

A vida encara-se de frente como os toiros



Terminada a carreira nas praças aos 58 anos, o bandarilheiro Ernesto Manuel fala a O MIRANTE da vida que passou e daquela que agora começa. “Nestas vidas devemos saber sair com dignidade e na hora certa”, afirma quem agora luta contra um cancro com a mesma determinação com que enfrentou os toiros na arena. De bailarino no teatro de revista à excitação das arenas, não têm faltado emoções fortes na vida de um homem que passou pela tragédia extrema de perder um filho.

Quando no dia 19 deste mês de Outubro as quatro mil pessoas presentes na centenária praça de toiros Palha Blanco, em Vila Franca de Xira, se levantaram num aplauso que durou largos minutos de intensa emoção, Ernesto Manuel sentiu que o coração lhe batia a galope e a areia da arena lhe fugia debaixo dos pés. Era o culminar de mais de trinta anos de entrega apaixonada à arte do toureio a pé que ali se resumiam naquela ovação. Sonho de qualquer artista que pise a arena pela última vez como era o caso de Ernesto naquela tarde de domingo, dia do festival organizado para a grande

O MIRANTE

próprio uma vinda à Arruda para ir à corrida ver os toiros e eu com 6 anitos, encantado com os trajes de luces e com toda aquela festa e a pensar que era aquilo o que eu queria ser na vida: matador de toiros!”, recorda Ernesto Manuel para a reportagem de O MIRANTE, numa conversa franca e sem tabus que esta semana nos juntou largas horas na pequena esplanada da Fábrica das Palavras, em Vila Franca de Xira. Foi esse o desafio que pusemos a Ernesto Manuel Soares dos Santos Ferreira, novilheiro e bandarilheiro Vila-Franquense que aos 58 anos decidiu colocar um ponto final na sua carreira por vários motivos, pessoais, profissionais, mas sobretudo por razões de saúde. “Sempre achei que nestas vidas devemos saber sair com dignidade e na hora certa, enquanto ainda estamos de posse das nossas faculdades. Quando agora me foi diagnosticado um cancro na perna eu entendi que essa hora tinha chegado para mim”, conta-nos, com a emoção espelhada nos olhos de um azul límpido, que nos fitam a direito expondo a alma num permanente desafio de sinceridade. “Isto é assim mesmo, tudo começa e tudo acaba e eu toda a vida encarei os toiros de frente por isso olhe: isto é só mais um toiro que eu tenho que enfrentar, é assim que eu tenho que pensar e mais nada”, afirma, sorrindo, e segue contando as peripécias que rodearam a descoberta da doença e as três operações cirúrgicas a que foi sujeito no último par de meses. “Da primeira vez fui operado de manhã e às dez da noite estava de traje de luces, vestido para actuar no Campo Pequeno. Semanas depois, estava eu deitado no hospital para ser operado quando me apareceu o Francisco Parreira dizendo que tinha um cavalo para experimentar, se eu podia dar uma ajuda e eu vesti-me e fui com ele... com tanto azar que durante a lide uma bezerra pisou-me todo, fiquei bastante ferido, voltei para o hospital e fui operado com o corpo numa lástima, todo pisado, de tal maneira que no dia seguinte fui operado outra vez pois entretanto tinham chegado os resultados dos exames ao tecido canceroso”, recorda este homem para quem a desgraça não é novidade numa vida aventureira que lhe exigiu uma enorme força para enfrentar a adversidade nomeadamente na morte do seu filho Miguel, de apenas 15 anos, ou mais recentemente quando nas vésperas do seu festival recebe a notícia que a sua filha mais velha se salvara in extremis de igual sorte. Valeu-lhe nessas ocasiões o apoio da sua segunda família, o clã Ribeiro Telles, que o acolheu na sua casa e nos seus corações durante esse período mais complicado da sua vida recente. “Devo muito à família Ribeiro Telles que faz o favor de me tratar como um amigo e de me abrir as portas da sua casa e eu sou-lhes eternamente grato por isso, aliás eu sou dos poucos bandarilheiros que podem dizer que passaram pelas três principais casas, Núncio, Salgueiro e Ribeiro Telles”, diz com indisfarçável orgulho. “Pinte a manta no Parque Mayer” O resto é passado, história feita de histórias, muitas histórias de incontáveis aventuras, dos tempos de bailarino no teatro de revista (“eu adoro dançar e era assim pequenino, jeitosinho, nem queira saber, pinte a manta no Parque Mayer...”), das velhas superstições que o acompanharam sempre que entrava em praça. “Sou muito supersticioso, vesti-me sempre pelo lado esquerdo e tenho umas ligas que há muito tempo que já não apertam nada, estão

O MIRANTE

16 cm no músculo da perna direita, mas depois da colhida levantei-me, matei o toiro e cortei duas orelhas”. Ou outra ainda: “Nos Açores fui operado na praça, testa, sobrolho, nariz todo torto. Esse toiro mandou-me a mim para o hospital e mais nove forcados”. Foram muitas as cornadas que a vida lhe deu e que recordou numa conversa prazenteira que às tantas mais parecia o velho fado de Carlos Ramos: “Já disse um homem que foi toureiro afamado: mais marradas dá a fome que um toiro tresmalhado”. Para este futuro que agora começa Ernesto Manuel tem planos que passam por continuar ligado à festa brava: “Sou apoderado do jovem Francisco Parreira e estou muito empenhado na sua carreira que está a correr muito bem. Tive também um convite que me deixou muito entusiasmado para fazer parte de uma escola de toureio na Azambuja, apresentei já um projecto para fazermos uma coisa a sério, para ombrear com as melhores escolas do género”, conta-nos sem esconder que as preocupações de saúde não desapareceram totalmente: “Vai ser preciso vigiar de perto a evolução da doença que por agora parece estar a correr muito bem. Tenho exames marcados para fazer regularmente e agora só penso em arranjar um ordenado fixo para fazer face às despesas e olhe: viver! Viver”. Um toureiro da Calhandriz Ernesto Manuel é um homem de pequena estatura e um porte elegante que lhe terá ficado dos seus dias de bailarino no teatro de revista, mas afirmou-se sobretudo como sendo reconhecidamente vertical na sua postura profissional, um “toureiro digno e honrado” como lhe chamou Maurício do Vale ou “alguém que entregou mais de trinta anos a uma paixão” nas palavras de João Aranha na sua crítica tauromáquica, meros exemplos de uma tónica abundantemente repetida na comunicação social. Esse sentimento em relação ao bandarilheiro sente-se na forma como as pessoas o tratam, não só nos jornais mas também na rua, e um bom exemplo disso mesmo veio do presidente da Câmara de VFX, Alberto Mesquita, que por mero acaso apareceu na esplanada da Fábrica das Palavras onde decorria a entrevista de O MIRANTE a Ernesto Manuel e fez questão de cumprimentar o bandarilheiro com um efusivo abraço de amigo e admirador. Mas toda esta reverência ao artista taurino não mexe com a essência de simplicidade que é marca de carácter deste homem que se vê a si próprio com uma clareza e sobriedade notáveis, sobretudo na hora do balanço de uma carreira que termina sem a concretização do seu grande sonho de menino: ser matador de toiros. “As coisas são como são, matador de toiros é o grande Víctor Mendes, esse sim, já o Paco Ojeda dizia que devia haver uma estátua do mestre Víctor Mendes em cada pueblo de Espanha... eu não sou impostor, a verdade é que não os tive no sítio na hora certa, eu era bonito a tourear mas o toiro abanava as orelhas e eu encolhia-me enquanto o Víctor Mendes agigantava-se, essa é a grande diferença”, afirma com convicção. E confia-nos que gostaria de ver o seu espólio taurino exposto na terra onde nasceu, em prol da tradição e das gerações futuras: “Tenho lá seis trajes de luces pendurados e outras recordações que gostava de ver expostas na biblioteca da Calhandriz, por exemplo, que é um local simpático e bonito, para que as pessoas soubessem de que é que são realmente feitas as nossas tradições”, confessa,

eternidade.

Mais Notícias

ENTREVISTA

Receitas de Carlos Gonçalves e Afonso Costa não resultaram

Rui Valadas Marques, 39 anos, cumpre o seu primeiro mandato enquanto eleito do CDS na Assembleia de Freguesia de Alverca do Ribatejo e Sobralinho.

ENTREVISTA | 09-08-2020



AGORA FALO EU

Jorge Branco

Aprendiz de mecânica, Oficina 125 - Riachos (Torres Novas)

ENTREVISTA | 05-08-2020



IDENTIDADE PROFISSIONAL

Há mais de duas décadas a virar frangos em Alpiarça

Maria Manuela Amaral, 70 anos, é proprietária há 22 anos da Churrasqueira do Mercado, em Alpiarça. O trabalho ocupa-lhe muito tempo mas sempre que arranja um bocadinho gosta de mergulhar na leitura.

ENTREVISTA | 05-08-2020



TRÊS DIMENSÕES

“Não gostei de ver o Presidente da República ignorar a morte de Mário Coelho”

Rosa Barral é professora e autarca na Assembleia de Freguesia de Póvoa de Santa Iria e Forte da Casa.

ENTREVISTA | 04-08-2020



ENTREVISTA